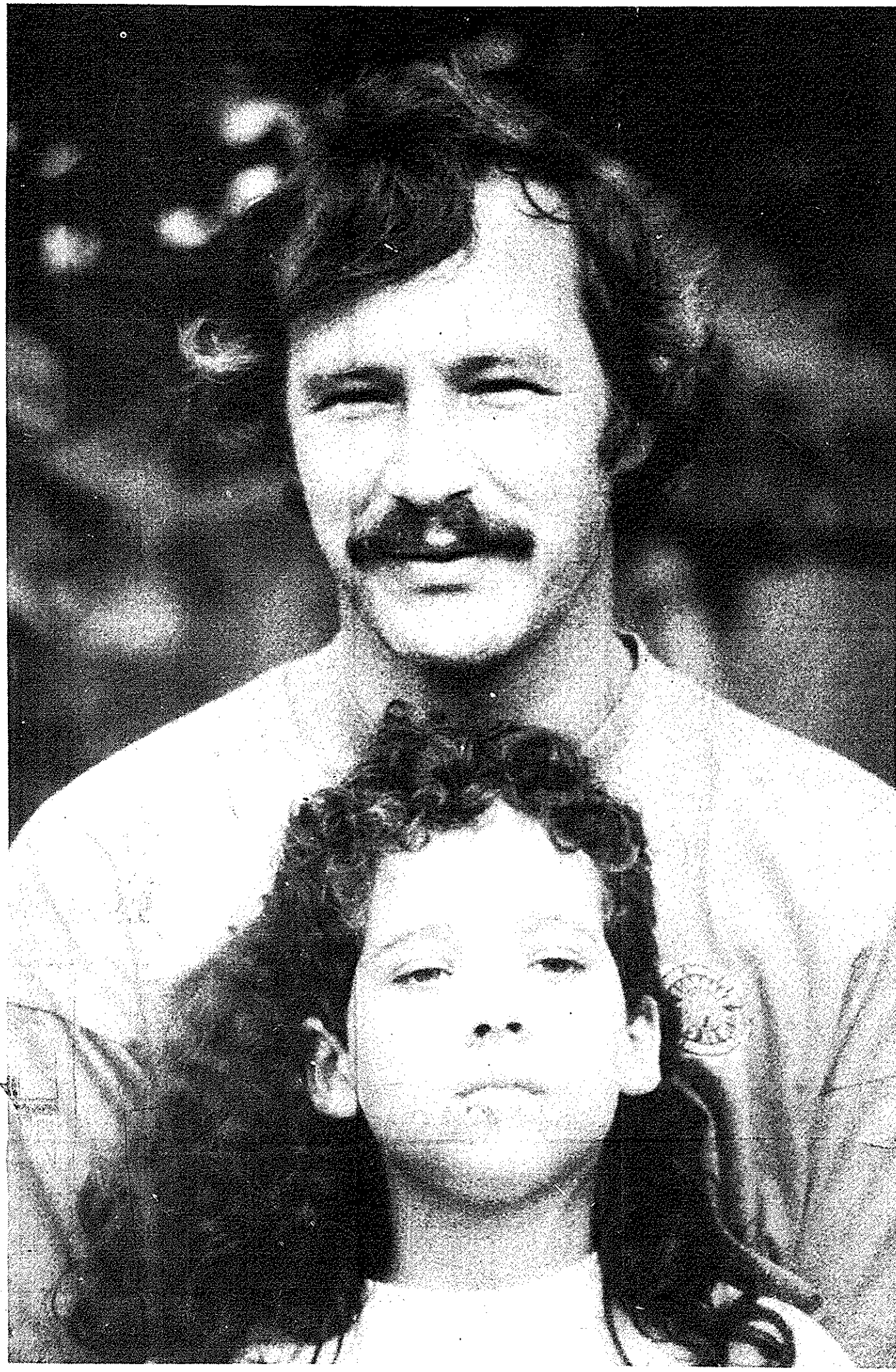


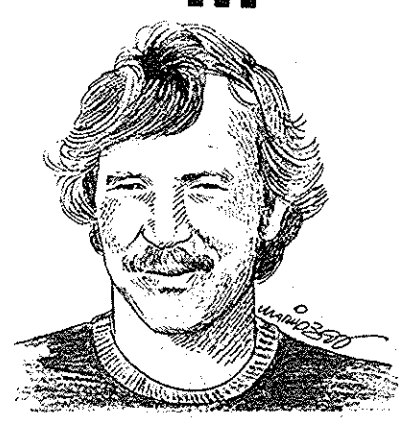
Biólogo atrás do paraíso perdido

Silvana Bittencourt

Diagnosticar o desaparecimento de animais e apontar soluções para que a caça volte a ser farta na reserva de Pimentel Barbosa, dos índios Xavante, é uma das tarefas do biólogo holandês Frans Leeuwenberg no Brasil. Há cinco anos no País, ele foi contratado como consultor da União das Nações Indígenas (UNI) para manejo da fauna silvestre, e também presta serviços na Reserva Ecológica do IBGE em Brasília, onde desenvolve o Projeto Cervidae, para estudo dos cervídeos. Formado pela Universidade Municipal de Amsterdã, casado, com 40 anos e dois filhos, Leeuwenberg explica nesta entrevista como ele vem ajudando os índios a recuperar seu ambiente degradado, as razões da destruição de seu habitat, e as chances que as tribos têm de não perder as tradições e costumes de caça, pesca e coleta. O holandês fala ainda sobre a observação e contagem de animais na Reserva do IBGE, trabalho que deverá desenvolver também no Parque Nacional das Emas. Frans Leeuwenberg esteve em Goiânia participando do seminário Recomposição Ambiental de Ecossistemas Nativos, promovido pela UCG e UNI, para os estudantes índios do curso de Extensão em Biologia.



O Projeto Cervidae pretende aumentar o conhecimento geral sobre os cervídeos que são muito ameaçados no Brasil. Quando você quer conservar uma área, não há tempo para estudar todos os bichinhos, todas as plantas, porque existe uma variedade enorme, por isso precisa procurar algumas espécies indicativas. E os cervídeos são muito importantes para indicar o valor da nossa conservação. Quando diminui a diversidade das plantas no habitat, por exemplo, é possível perceber também uma redução na quantidade de veado campeiro. Este animal é muito interessante porque só come o filé mignon. Mesmo que exista um capim bonito, ele só come este brotinho aqui, aquele sementinha lá, ou uma florzinha acolá. Ele não pode comer outra coisa porque não tem estômago para digerir. Então, o veado campeiro depende de uma enorme diversidade para obter alimentação suficiente durante o ano todo. Ele ocupa diver-



“A influência da Funai e dos padres salesianos mudou todo o padrão de vida dos Xavante. De seminômades, os índios começaram a se fixar na aldeia e, inconscientemente, abandonaram o costume de rotação da caça, concentrando-a num raio de 60 mil hectares”

■ Você realiza um trabalho de recomposição ambiental na reserva indígena dos Xavante. Como é isso?

• Sim, é a aldeia de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. Existem cinco ou seis reservas Xavante de Barra do Garças para cima. A mais ao Norte é a de Pimentel Barbosa, entre a Serra do Roncador e o Rio das Mortes. Neste lugar, os Xavante começaram a descobrir, alguns anos atrás, que surgiram problemas em sua convivência com o meio ambiente. A caça estava diminuindo, e apareceram dificuldades para a coleta de frutas e alimentação em geral. Os índios perceberam então que tinham algum problema, mas não sabiam porque ele existia. Não sabiam quantificar exatamente o problema que atingia seus valores culturais e alimentação, principalmente. Então, criaram a Associação Xavante de Pimentel Barbosa e procuraram a União das Nações Indígenas para elaborar um programa conjunto e sair deste impasse. A UNI recorreu a diversos consultores e me pediu ajuda na parte da fauna silvestre. Os índios também sofriam com a degradação de seu habitat e, inteligentemente, fizeram um convênio com a Embrapa, que tem experiência com mudas nativas do cerrado, para replantio de suas terras.

■ Por que o ambiente indígena estava degradado?

• Conseqüências da ocupação ilegal de fazendeiros, que os índios mesmos resolveram em 1980. Os Xavante negociaram mais de 10 anos com os governos Estadual e Federal para a retirada dos fazendeiros que simplesmente entraram em sua reserva. E sempre o Governo e a Funai tentavam acalmá-los dizendo que isso não afetaria muito. Mas afetou tanto que a menos de 15 quilômetros da aldeia principal havia uma fazenda enorme. No final, foi destruída uma área de 30 mil hectares dentro da reserva, para desmatamento, plantação de brachiária e outras gramíneas, e criação de gado. Isso representa cerca de 10% da reserva, que tem 300 mil hectares.

■ Qual foi sua contribuição?

• Eles me pediram ajuda na parte de caça. No início acharam que eu fosse resolver o problema em pouco tempo, talvez fazendo criação de animais. Mas primeiro eu fui na aldeia, detectei fatos curiosos com relação à sua convivência com a caça e expliquei que antes de tudo deveria ser analisado o que havia de errado. “Como um doutor pode curar um paciente se ele não sabe onde está a causa da doença?”, perguntei. Os Xavante concordaram comigo e hoje, um ano depois, as coisas estão mais claras. Eles não querem criar, de maneira alguma. Xavante, detesta mexer com animal domesticado, seja gado, porco ou mesmo animal silvestre. Eles têm uma forte relação com os animais, inclusive espiritual. Eles não querem criação em cativeiro, porque acham que o animal deve ser livre.

■ Quais problemas você detectou em sua análise?

• Vários problemas. Vamos tomar o exemplo do tamandua bandeira, um animal que eles caçam muito. Em cada mil hectares existe um tamandua bandeira por média. Isso quer dizer que você precisa de dois mil hectares para que dois tamanduas se encontrem e produzam um filhote por ano. Então, os índios poderiam, no máximo, capturar um animal por dois mil hectares. Seguindo este raciocínio, eu primeiro comecei a detectar quantos eles pegam em quantos hectares, qual poderia ser a produção natural do tamandua, e percebi que a caça dos Xavante é muito além dos limites. O projeto foi mandado para o Fundo Mundial para a Natureza, a WWF dos Estados Unidos. Lá eles conseguiram dinheiro para pagar as despesas. Mas a WWF quer um relatório científico e técnico, e isso não adianta nada para os Xavante. Então, eu comecei a preparar os índios. Eu ia no Conselho dos Velhos

da tribo e explicava aos poucos, todos os dias, o que eu estava fazendo, o que eu havia descoberto, que o levantamento era necessário e eles deveriam colaborar. E os índios colaboraram muito. Em outubro, eu comecei a explicar sobre o tamandua e as coisas que eles estavam fazendo errado. Mas existe um problema, porque os Xavante e algumas outras comunidades indígenas não pensam quantitativamente, não pensam em números. Na língua deles, existe até o número cinco e o resto é “muito”. Como eu explicaria então o que eles estavam fazendo de errado, e quantos animais deveriam caçar?

■ Isso quer dizer que além dos estragos provocados pelas grandes fazendas, também a caça desenvolvida pelos próprios índios reduziu a população animal?

• São duas fontes negativas. Eu vi uma fotografia de satélite americano, do Landsat, mostrando a área dos Xavante. É uma ilha no meio de um deserto desmatado principalmente por gáuchos e goianos. Desmataram tudo e acabaram com a área tampão, que ficava fora da reserva e servia de refúgio para os animais. Além disso, existem alguns fazendeiros que deixam o gado entrar na reserva, de propósito. Felizmente os Xavante são muito bravos. Eles sempre tentam resolver sem mortes, mas com danos materiais. Então, se o gado está lá dentro e não é retirado dentro de um dia, dois dias, eles matam os bois.

■ Os índios são considerados pessoas que conseguem explorar a natureza sem destruí-la, ou seja, antigos conhecedores e praticantes do desenvolvimento sustentado da sociedade moderna tanto busca hoje. Não parece um contraste um branco ensinar a eles como lidar com o meio ambiente? Os índios também interferem negativamente em seu habitat?

• Chegou até este ponto por causa da pressão lá fora, e por causa da nossa influência através da Funai e dos padres salesianos. Eles começaram a mudar todo o padrão de vida dos Xavante. De seminômades, os índios foram forçados a se fixar na aldeia. Com a presen-

ça constante da Funai e dos padres lá dentro, os Xavante ficaram mais e mais concentrados na aldeia e, inconscientemente, começaram a deixar o costume de rotação de caça que tinham antes. Eles concentraram demais a caça num raio de 60 mil hectares em volta da aldeia, de forma inconsciente. Mas é possível reverter essa situação, porque os Xavante sabem muito sobre comportamento, alimentação do animal. Eles respeitam os animais.

■ E aliado a esse conhecimento empírico, essa sabedoria da prática, os índios precisam também de informações técnicas?

• Eles não entendiam que estavam superexplorando a fauna por concentrarem a caça numa área restrita. Mas agora já entendem porque expliquei a eles que estão capturando mais do que a natureza consegue produzir. Eu falei a eles da seguinte forma: “Antigamente, o Xavante caçava aqui. A caça começou a diminuir e Xavante foi para a área vizinha, mais à esquerda. Novamente começou a diminuir e Xavante andou mais para a esquerda. A onça fez o mesmo. A onça é um gato muito inteligente. Antigamente Xavante velho também era muito inteligente e fazia como a onça. Sabia o que estava fazendo. Mas agora vocês ficaram moles, estão cansados”. Eu coloquei a questão assim de propósito, porque o povo Xavante é muito orgulhoso. Eles gostaram da ideia porque, instintivamente, o comportamento da onça sempre foi o deles. Eles sempre estiveram em paz com o ecossistema e só não estão mais por nossa causa. Saíram do esquema da onça para ficarem mais perto da aldeia. E eu disse: “Vocês velhos sabem muito bem que abandonar o esquema da onça e ficar aqui na aldeia esperando que a caça venha não funciona. É a natureza”. E isso rendeu uma resposta muito positiva, gerou uma discussão enorme.

■ É possível então reverter a situação?

• É possível ainda, embora a falta de segurança também prejudique a rotação da caça. Os índios são muito enganados pelo branco, e toda vez que viram as costas entra um branco para tentar vender algo, um fazendeiro para colocar gado, garimpeiros, madeireiros. O medo também os faz ficar concentrados na aldeia. Mas eu expliquei para eles: “Gente, não acredite

nessa estória de que tudo vai voltar como nos velhos tempos, vivendo só na natureza e sem contato com os brancos. A realidade é que vocês vivem numa ilha, têm vizinhos em volta e precisam saber conviver com isso. A pressão existe”.

■ Praticamente todas as aldeias indígenas brasileiras estão ilhadas, na mesma situação. Você acha que o fim dos costumes de caça, pesca e coleta é inevitável?

• Usando uma estimativa por alto, eu creio que cerca de 20% das 180 comunidades indígenas brasileiras estão na situação completamente silvestre ainda, sem nenhum contato com nossa civilização. São poucos mas existem. E há tribos como os Xavante, que perderam suas tradições em parte mas ainda têm chances de reverter a situação. Mas eles vivem dentro de uma confusão, porque tiveram contato com nossa sociedade 400 ou 500 anos depois, conhecendo só agora nossos valores: biscoitos, sapatos, café, óculos, relógios e tudo o mais. Quando eu chego lá com um instrumento, uma bússola, por exemplo, eles não sabem o que é. Eles sabem se direcionar e eu preciso de bússola. Os índios vêem como um objeto novo, bonito. Não entendem o limite de valor do instrumento, e às vezes se comportam como crianças. Ele tem uma enorme quantidade de objetos e é obrigado a escolher e aprender em poucos anos. Nós tivemos séculos e eles ficaram sem tempo para assimilar nossos valores. Mas acho que de 15 a 20% das comunidades indígenas ainda tem uma boa chance, porque o conhecimento e a cultura ainda estão lá. E se é possível reverter a situação, acho que é obrigação de nossa sociedade respeitar o direito da única comunidade humana que ainda sabe conviver com o ecossistema. Não temos mais pessoas que convivem com o próprio ecossistema de acordo com a produção, que sabem usar racionalmente seus recursos. O Xavante tem mais ou menos 15 remédios contra dor de cabeça. Em determinada época ele usa uma planta, em outra época ele utiliza outra raiz, etc. É um conhecimento muito rico que encaixa dentro das necessidades do próprio ecossistema.

■ Esse mesmo trabalho será repetido em outras reservas indígenas?

• Possivelmente no Acre, onde existe uma reserva de cerca de 1

milhão de hectares, a maior do mundo e única, porque convivem lá cinco ou seis comunidades indígenas, com cerca de seis mil pessoas, e mais diversas comunidades de seringueiros. Todos vivem juntos na mesma reserva extrativista. É uma situação interessante, porque índios e seringueiros sabem colaborar em conjunto para preservar a área e explorar a mata através do extrativismo. Eles também estão percebendo que têm problemas, mas não sabem de onde vem o problema. No próximo ano, eu deverei fazer um estudo direcionado para manejo da fauna também, mas não um estudo puramente científico e sim direcionado para as soluções. Nós não temos tempo no Brasil para ficar cinco ou 10 anos estudando, porque o País não tem condições financeiras para esse luxo e nós precisamos de soluções práticas e de indicações sobre como melhorar nosso comportamento em relação à natureza.

■ Você também trabalha no Projeto Cervidae na Reserva Ecológica do IBGE. O que é este projeto?

• É um projeto científico, aplicado em termos puramente ecológicos.

■ E por que a observação em Emas é tão fácil?

• Porque eles não tem medo de caçador, de predadores grandes, que são pouquíssimos, e de cães vadios. Este é um dos piores problemas que enfrentamos. O Parque Nacional de Brasília já está quase perdido por causa da entrada constante de cães. Os cachorros vadios ainda têm instinto de matar, mas não matam de acordo com sua necessidade. Eles podem caçar e comer um veado ou uma cotia e, cinco minutos depois, mesmo estando satisfeitos, sentem cheiro de outro veado e o matam sem aproveitar a carne.

■ Com estes dados será possível conhecer, por exemplo, o impacto do fogo sobre os animais?

• O IBGE desenvolve há dois anos o Projeto Fogo, avaliando os impactos a longo prazo. No que se refere aos cervídeos, eu já posso ver que os animais são atraídos para o lugar queimado. Posso perceber porque alguns deles estão andando com rádios. Percebo também que o veado campeiro prefere muito mais o cerrado e o campo sujo, que têm arbustos e árvores, do que o campo limpo; muito mais perigoso para ele. No campo limpo o veado tem que ficar em vigia constante, e no campo sujo ou cerrado ele encontra maior diversidade de frutinhas, de brotações, arbustos, árvores, folhas e sementes.



“Enquanto é possível reverter a situação em benefício dos povos indígenas, torna-se obrigação de nossa sociedade respeitar o direito da única comunidade humana que ainda sabe conviver com o ecossistema, usando racionalmente seus recursos”



“Nós não temos tempo no Brasil para ficar cinco ou 10 anos estudando. O País não tem condições financeiras para esse luxo e por isso precisamos de soluções práticas e de indicações sobre como melhorar nosso comportamento em relação à natureza”